Ensaio sobre o conceito de Eudaimonia em Aristóteles: dominante ou inclusivo?

I – Introdução

Antes de criticar o artigo de Ackrill, é importante estabelecer uma relação conceitual e prática entre “Bem”, “Fim”, “Fim Final” e “Bem Supremo” na Obra *Ethica Nicomachea* (EN) de Aristóteles. Tais conceitos são cruciais para o entendimento da ética aristotélica, no que diz respeito a suas premissas, conclusões e aspectos práticos.

Este ensaio tem como problema principal a ideia de *eudaimonia* na *Ethica* *Nicomachea* de Aristóteles, bem como suas interpretações doutrinárias “inclusivas” e “dominantes” apresentadas por J. L. Ackrill em seu artigo “Sobre a *eudaimonia* em Aristóteles.”. Minhas hipóteses são as de que (i) a abordagem aristotélica tende a ser mais “dominante” do que “inclusiva” e; (ii) há problemas argumentativos na tese de Ackrill. As razões de minhas hipóteses, bem como seus fundamentos, serão abordadas nos tópicos II e III deste ensaio. Ademais, a tradução da obra de Aristóteles que considerarei será a de Terrence Irwin.

II – Por que a doutrina tende a ser dominante

O primeiro elemento que se deve destacar é que os termos “bem” e “fim” são correferenciais em *Ethica Nicomachea* e que nem todas as ações são importantes na Ética. Em sua primeira frase na obra, Aristóteles diz que “*Every craft and every line of inquiry, and likewise every action and decision, seems to seek some good; \* that is why some people were right to describe the good as what everything seeks. \**” (1094a1-5). Se toda ação (escolha) e arte visam a um bem (*agathos*) e toda ação é feita por um agente, então o bem tem um elemento valorativo. Ele pode ser entendido como o valor que aquilo (ação ou arte) tem para o sujeito. Entretanto, ação e arte são elemento distintos e, para Aristóteles, as ações humanas que são importantes para a Ética, não as artes. Nesse contexto que o fim (*telos*) se referencia tanto às ações humanas quanto ao bem. Os fins ou podem ser entendidos como propósitos, ou como pontos de chegada das ações. Além disso, eles podem ser atividades, bens que têm fim em si mesmos, ou produtos distintos das atividades: “But the ends [that are sought] appear to differ; some are activities, and other are products apart from the activities.”. (1094a4-6) Então, bens e fins referenciam-se a si mesmos e são aspectos diferentes da mesma coisa.

Outro aspecto que está no centro da discussão se a doutrina aristotélica é “inclusiva” ou “dominante” é que há uma cadeia de meios e fins, segundo Aristóteles, na qual há fins instrumentais, que são meios para outros fins, e há outros que são finais. O Sumo Bem é o fim desejado por ele mesmo e não em vista de outra coisa; e todas as coisas são desejadas em vista desse bem. O argumento usado é a de que há de haver um termo final para a série de meios e fins. Caso contrário, a série tenderia ao infinito. Isso é deixado claro em ENI2: “*Suppose, then, that the things achievable by action have some end that we wish for because of itself, and because of which we wish for the other things, and that we do not choose everything because of something else – for if we do, it will go on without limit, so that desire will prove to be empty and futile. Clearly, this end will be the good, that is to say, the best good. \**” (1094a18-23)

O Sumo Bem, por conseguinte, é a *eudaimonia*. Esta é erroneamente traduzida como felicidade, pois é definida por Aristóteles como o bem viver e o bem agir. Além disso, é o mais alto bem que pode ser alcançado pela ação humana e, como visto anteriormente, é o fim final, que abarca todas as atividades. Tais asserções podem ser verificadas em ENI4: “*What [in other words,] is the highest of al the goods achievable in action? As far as its name goes, most people virtually agree; for both the many and the cultivated call it happiness, and they suppose that living well and doing well are the same as being happy. \**” (1095a16-20)

A definição de *eudaimonia* ganha corpo, em ENI7, com a adição dos critérios de completude e autossuficiência, bem como com a argumentação da função própria do homem. Aristóteles, primeiramente, conclui que a *eudaimonia* é um bem completo sem qualificação (incondicional). Se há vários bens absolutos (*teleia*), então o mais absoluto de todos (*teleion*). A seguir, ele argumenta que a *eudaimonia* é autossuficiente, o que significa dizer que não é suficiente apenas para uma pessoa vivendo uma vida isolada, mas sim para uma comunidade (pais, filhos, esposa, amigos e concidadãos). Tal conclusão segue do fato de, segundo Aristóteles, o ser humano ser naturalmente um animal político (que vive numa *polis*). A autossuficiência é aquilo que, por si mesmo, torna a vida desejável e carente de nada. Com o escrutínio dos dois critérios, conclui-se que a *eudaimonia* é um elemento completo e autossuficiente, dado que é o fim das coisas alcançáveis pelas ações. Tal definição é adicionada à função própria do homem, que é examinada por Aristóteles nos parágrafos seguintes de ENI7. Ele acha necessário que determinemos a função do homem para explicar mais claramente o que a *eudaimonia* seja, dado que ela trata da finalidade das ações humanas. Em primeiro lugar, ele conclui que não seria a vida de nutrição e crescimento, pois também é compartilhada com as plantas. Em seguida, também não parece ser a vida de percepção sensorial, pois é comum também a todos os animais. Logo, conclui-se que seria um tipo de vida de ação com a parte da alma que tem razão (*logos*). De todo esse exame, ele define a *eudaimonia* como sendo a atividade da alma de acordo com a virtude e com a melhor e mais completa virtude, se há mais de uma virtude. (1097a29-30; 1097a34-36; 1097b7-35; 1098a1-5)

A definição de *eudaimonia* culmina na necessidade da investigação da virtude em ENI13. Após testar a definição de Bem Supremo, contrastar com teses, correntes e objeções e mostrar que a ela funciona, ele conclui que a *eudaimonia* é “*certain sort of activity of the soul in accord with complete virtue*”. (1102a5)

Fiz questão de percorrer toda a definição de *eudaimonia* em ENI para concluir que ela não parece ser “inclusiva”, mas sim “dominante” em relação aos outros bens que são completos (*teleia*). Segundo Ackrill, “por ‘fim inclusivo’ pode ser entendido algum fim que combine ou inclua dois ou mais valores, atividades ou bens; ou pode ser entendido um fim no qual diferentes componentes têm valor aproximadamente igual (...) Por ‘fim dominante’ pode ser entendido um fim *monolítico*, um fim que consista em apenas uma atividade ou apenas um bem digno de valor; ou pode ser entendido aquele elemento em um fim que combina dois ou mais bem independentemente dignos de valor e que tem importância dominante, preponderante ou suprema.”. As definições de doutrina “inclusiva” não parecem prosperar, visto que a *eudaimonia* não parece combinar dois ou mais bens de uma forma harmônica. É verdade que há outros bens dignos de valor que tendem à *eudaimonia*, o que não significa dizer que ela os harmonize. Tampouco infere-se que tais bens têm valor aproximadamente igual. A *eudaimonia* parece ser, *à vrai dire*, um Bem Supremo que combina outros dignos de valor, mas que são independentes. Esse Bem seria preponderante sobre eles.

No tópico a seguir, serão refutados os argumentos de Ackrill com base em problemas na própria argumentação e na obra *Ethica Nicomachea* de Aristóteles.

III – Refutações aos argumentos de Ackrill

Primeiramente, Ackrill afirma, na parte II, §2 de seu artigo, que sua tese que a *eudaimonia* implica uma doutrina “inclusiva” é baseada tanto no seu conceito *lato sensu* “quanto [na] concepção de vida que satisfaz o conceito e merece este nome.”. Entretanto, não há evidência que Aristóteles trata apenas de uma questão conceitual da *eudaimonia*. Aristóteles afirma que “*since happiness is a certain sort of activity of the soul in accord with complete virtue, we must examine virtue” (1102a5-8) e “it is clear that the virtue we must examine is human virtue, since we are also seeking the human good and human happiness*” (1102a14-15). Depreende-se que se investiga a virtude por que ela acompanha a *eudaimonia*, não porque precisamos dar um conceito ou tratar de uma questão linguística. Assim como, Platão, Aristóteles quer chegar à resposta da questão “qual a melhor vida humana possível?”.

Em sua conclusão, ele usa como argumento que Aristóteles não afirma com clareza que o que torna as ações boas e admiráveis é sua tendência em promover a teoria, mas no tópico IV do mesmo artigo ele diz que mesmo que Aristóteles não exponha de forma clara a doutrina “inclusiva” em suas obras *Ethica Nicomachea* ou *Ethica Eudemia* isso não é um problema. Ele infere que Aristóteles estaria consciente do quão difícil a noção de inclusão seria e usa uma passagem de *Protágoras*, de Platão, não de Aristóteles, como base para seu argumento. Algumas considerações precisam ser feitas a esse respeito: (i) mesmo que *Protágoras*, uma obra de Platão, que fora mestre de Aristóteles, possa ter influenciado o pensamento deste, ela não pode ser usada como argumento para o pensamento Aristotélico, visto que não são suas palavras ali descritas; (ii) Se Ackrill considerou que a não afirmação explícita por parte de Aristóteles de que a tendência que qualquer ação boa é promover a *theôria* é um problema, ele tem que usar o mesmo critério para a “inclusão”. Se Aristóteles não afirma categoricamente que a teoria seja “inclusiva”, então ela pode ser de outro modo, ou seja, “dominante.”. Essa possibilidade deve ser investigada até se ter o máximo de certeza que é de um modo e não de outro.

Ademais, ao Aristóteles afirmar que o homem é um composto, um animal que vive e se move no tempo, ele não necessariamente nos deixar sem uma regra de como viver bem e agir bem, contrariamente ao que afirma Ackrill na parte VIII, §5, de seu artigo. A resposta continua sendo que a *eudaimonia* é o Sumo Bem da vida humana e que todas as ações virtuosas, por mais que sejam dignas de valor por si mesmas, tendem a ela. O ideal de vida seria a própria *eudaimonia*.

De igual modo, não se poderia dizer, como afirma Ackrill, que há a possibilidade de levarmos em consideração qualquer outro valor, caso não maximizemos a *theôria*. A implicação “se *não-p*, então *q*” como Ackrill propõe, não está exposta na *Ethica Nicomachea* nem pode ser subentendida, portanto não há essa possibilidade de combinação de vidas. A *eudaimonia* é completa sem qualificação, como afirma Aristóteles em 1097a35-1097b6: “*Now happiness [eudaimonia] more than anything else, seems complete without qualification. \* For we always choose it because of itself, \* never because of something else. Honor, pleasure, understanding, and every virtue we certainly choose because of themselves (…); but we also choose them for the sake of happiness, supposing that through them we shall be happy.*”. Infere-se do que foi escrito por Aristóteles que nenhuma virtude por si só pode substituir a *eudaimonia* como uma vida completa sem qualificação.

Outro ponto a se considerar na argumentação de Ackrill é que o questionamento a respeito da melhor combinação de vida entre atividade virtuosa e *theôria* perde o sentido se consideramos que a *eudaimonia* é a única vida completa sem qualificação. O próprio autor enfatiza que ela é autossuficiente no tópico IV, §4 do seu artigo. Retomo as palavras de Aristóteles (1097b7 – 1097b15): “*The same conclusion [that happiness is complete] also appears to follow from self-sufficiency. For the complete good seems to be self-sufficient. (...) Anyhow, we regard something as self-sufficient when all by itself it makes a life choiceworthy and lacking nothing; and that is what we think happiness does.*”. Ora, se a *eudaimonia* é autossuficiente e carente de nada, então ela não pode ser acrescida à atividade virtuosa como a melhor vida possível. A interpretação correta seria que ela é “dominante” e que as atividades virtuosas, apesar de serem fins em si mesmas, são em vista daquela.

IV – Conclusão

Ora, se a *eudaimonia* é a atividade da alma acompanhada da perfeita virtude, se ela é completa e autossuficiente e se há várias virtudes que também são completas, logo a *eudaimonia* é dominante em relação a essas virtudes. Não se trata de uma dominância monolítica, na qual somente ela seria perfeita, mas sim no sentido de ser o elemento mais completo (*teleion*) que combina dois ou mais bens completos independentemente dignos de valor por si próprios (*teleia*). Tal definição é permitida pelo próprio artigo de Ackrill, no seu segundo tópico.

**Referências bibliográficas**

ACKRILL, J. Sobre a eudaimonia em Aristóteles. In: ZINGANO, M. Sobre a Ética Nicomaqueia de Aristóteles: textos selecionados. São Paulo: Odysseus, 2010. pp. 103-125.

ARISTÓTELES. Ética a Nicômaco. Tradução de Terence Irwin. Londres. 3ª ed.: Hackett Publishing Company, 2019.